

RESSURGÊNCIAS VEGETAIS

Fissuras e tramas

PLANT RESURGENCES
Cracks and plots

Arthur Simões Caetano Cabral¹

Resumo

Este texto examina características e dinâmicas associadas ao vegetal em terrenos residuais. Trata-se especialmente de plantas dotadas de ciclos breves, capazes de ocorrer em ambientes fortemente perturbados, transformando-os em locais propícios à existência de diversos seres. Seus movimentos acontecem em fluxos de pólen, esporos e sementes; suas raízes aprenderam a beber de solos exauridos e fissuras no asfalto. Quando mutiladas, rebrotam ou propagam-se alhures, inventando novos refúgios e possíveis paisagens, ainda pouco ou mal conhecidas. A contrapelo de esforços de controle, erradicação e das conotações depreciativas que lhes são comumente atribuídas, essas plantas sugerem valores de persistência e frescor de renovação em suas táticas de sobrevivência. A partir de estudos conduzidos ao longo de acostamentos rodoviários nas imediações da cidade de Goiás (GO), em zonas de expansão urbana, explora-se a emergência surpreendente e fortuita do vegetal, a fim de investigar, em lugares indesejados, possíveis tramas de interdependência e regeneração multiespecíficas.

Palavras-chave: paisagem, Pós-Antropoceno, flora ruderal, regeneração, Estudos Multiespécies.

Abstract

This paper examines characteristics and dynamics associated with vegetation in residual lands. These are plants with brief cycles, capable of occurring in highly disturbed environments and transforming them into places suitable for the existence of different beings. Their movements take place in flows of pollen, spores and seeds; its roots have learned to drink from exhausted soils and cracks in the asphalt. When mutilated, they resprout or propagate elsewhere, inventing new refuges and possible landscapes, still little or barely known. Contrary to control and eradication efforts and the derogatory connotations that are commonly attributed to them, these plants suggest values of persistence and renewal in survival tactics. Based on studies along road shoulders on the outskirts of the city of Goiás (GO), in areas of urban expansion, the surprising and fortuitous emergence of the plant is explored, in order to investigate, in unintended places, interdependence plots and multispecific regeneration.

Keywords: landscape, Post-Anthropocene, ruderal flora, regeneration, Multispecies Studies.

¹ Arquiteto, urbanista e professor assistente na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/Campus de Bauru). Graduado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, possui mestrado e doutorado na área de Paisagem e Ambiente, da FAU-USP. É autor do livro “Paisagens baldias: a natureza manifesta nas brechas da cidade”, publicado em 2019 pela editora Appris. Desde 2011, é pesquisador junto ao Laboratório Paisagem, Arte e Cultura (LABPARC FAU-USP). Atualmente é vice-líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Representações: Imaginário e Tecnologia” (RITE).

Introdução

A novidade era o máximo
do paradoxo estendido na areia
Alguns a desejar seus beijos de deusa
Outros a desejar seu rabo pra ceia
(Gilberto Gil e Herbert Vianna. *A novidade*, 1986).

Ao longo dos séculos transcorridos desde seu advento, contemporâneo ao início da Idade Moderna, no século XV, o conceito de paisagem se oferece a diversas áreas do conhecimento, admitindo acepções variadas. As ciências modernas muitas vezes chamam assim certo conjunto de dados objetivamente mensuráveis da realidade, passível de quantificações, análises ou esquadrinhamentos cartográficos e estatísticos. Por outras vias, a paisagem quer dizer a necessidade de uma especial atenção aos modos de ser no mundo, isto é, um fenômeno que implica a vivência encarnada de um mundo *comum* (Besse, 2018), refratário a representações meramente factuais ou dados locais, mutuamente implicado por seres humanos e não humanos.

A relevância da categoria paisagem a diversos campos e práticas do conhecimento pode trazer consigo a naturalização do termo, o que daria facilmente a esquecer de que se trata, contudo, de uma criação cultural (Bartalini, 2005). Recorremos à paisagem com frequência na experiência cotidiana e na fala corriqueira, o que permite inferir uma diversidade significativa de ideias, relações e afetos que demandam mencioná-la, embora acompanhados de dúvidas ou divergências conceituais. Ainda hoje corremos os riscos e cada vez mais sentimos os efeitos, por exemplo, da equivalência entre os conceitos de paisagem, ambiente e território, como se fossem sinônimos, em permuta geralmente automática de seus significados específicos, o que já alertava Rosario Assunto em 1976. Em linhas gerais, o célebre artigo compreende a paisagem como designação de uma unidade sintética primeva, precedente à apreensão das dimensões do espaço material (território) e de seus conteúdos ou funções biológicas e histórico-culturais (ambiente), aos quais só teríamos acesso mediante processos de abstração “do carácter concreto da paisagem que nós vivemos e experienciamos e conhecemos como território e ambiente na sua indissolúvel unidade” (Assunto, 2011, p. 128). Sujeita a discordâncias ou desdobramentos, a posição de Assunto oferece elementos significativos à reflexão daquilo que as paisagens Pós-Antropoceno poderiam dar a entender frente a cenários de crise, paradoxalmente premeditados pela ação humana.

A reflexão desse tema coloca em jogo, portanto, outro conceito problemático, dependente da confrontação de diferentes leituras dos distúrbios e resíduos decorrentes de forças antrópicas ora grafados como advento de uma nova era geológica, debatida nos termos do Antropoceno. Em tempos de incerteza e cerceamento de horizontes, sem saída aparente para a manutenção dos padrões de consumo e produção hegemônicos, cumpriria investigar valores de resiliência e regeneração em germens de paisagens ainda pouco assimilados em fissuras do meio urbano e ambientes profundamente perturbados. Às margens das vontades do Capital, naquilo que lhes escapa como um vazamento incontido, do qual rebentam brotos por força do acaso, observam-se tramas de ressurgência, potencialmente alusivas a uma hipótese de paisagens pós-Antropoceno.

Baseado em estudos de campo recentemente realizados em terrenos baldios e bordas urbanas, este artigo se volta à seguinte questão: se o vegetal é pródigo em engendrar mundos (Coccia, 2018), de que paisagens participam as plantas errantes, quais sejam aquelas capazes de germinar em qualquer fresta ou rebordo esquecido de terra, afeiçoando ambientes estéreis em possíveis refúgios à diversidade? O material apresentado oferece ao debate elementos associados a valores de resiliência e à

fugaz regeneração de plantas rasteiras, que rapidamente aprenderam a atravessar cidades, lavouras e florestas, despontando onde menos se espera. Colocam-se em pauta dimensões simbólicas daquilo que comumente reconhecemos como “mato”, em designação genérica ou mesmo depreciativa, quando dirigida àquilo que não se tolera, em sinal de desleixo a ser evitado.

As reflexões que se apresentam são resultado da frequência de espaços residuais, desprovidos de uso ou ocupação programados, situados entre bairros periféricos e chácaras remanescentes, em contato direto com o sertão. Fora e dentro se confundem no que as cidades expandem seus limites. Por ali, é comum encontrar jardins improváveis rentes ao asfalto, cultivados contra a fuligem e a solidão que venta da rodovia. A seu tempo, intrometem-se outras tantas plantas, semeadas por vias não humanas. Embora alijada do olhar corriqueiro, a ocorrência subespontânea do vegetal permite atestar, talvez em resíduos do Antropoceno, condições de ressurgência. Com o objetivo de tematizar formas de existência triviais, via de regra marginalizadas pelo fazer humano, e de visibilizá-las, este texto reflete aspectos da experiência direta, da fruição e de um trabalho investido na *poiesis* desses germens. Haja vista que a flora ruderal não hesita em se fazer contra o horizonte de terras desoladas, a investigação empírica de que resulta este texto considera, com especial atenção, situações em que as intenções de apropriação e controle se desativam ou são tornadas inoperantes (Agamben, 2017), por ínfimas que sejam, despercebidas no cotidiano, oferecendo-se ao acaso de formações inconclusas e jardins em potência.

Baseando-se fundamentalmente em estudos de campo voltados à ocorrência subespontânea do vegetal em fragmentos de territórios e ambientes –, em sua indissolúvel unidade (Assunto, 2011) –, desprovidos de destinação, este artigo investiga a precedência originária da paisagem alusiva a meios de vida que se refazem de maneira quase sempre sub-reptícia, à revelia de esforços de domesticação ou domínio. Com o foco dirigido a atmosferas configuradas nas imediações de acostamentos rodoviários na cidade de Goiás (GO) entre os anos de 2020 e 23, o texto se organiza em três partes: 1) discute os modos de ser do vegetal e aspectos sensíveis das tramas de interdependência que as plantas estabelecem entre si e com outros seres; 2) investiga terrenos baldios, bordas e interstícios urbanos desprovidos de ocupações programadas, onde as destinações de uso se retraem, oferecendo refúgio a plantas subespontâneas; 3) cogita a latência de paisagens em espaços residuais, ainda pouco reconhecidas, refratárias a esforços de controle e apagamento, potencialmente alusivas à condição de regeneração proporcionada pelo vegetal e suas invenções incontidas.

Invasões, errâncias e refúgios

Um relatório científico apresentado à 28ª Conferência do Clima das Nações Unidas (2023) alerta para a iminência de “pontos de não retorno do sistema Terra”². O documento propõe diretrizes gerais para evitar a continuidade da “trajetória desastrosa” em que se encontra a humanidade. Desenvolvido por pesquisadores de diferentes países, o estudo avalia limiares críticos do funcionamento climático, isto é, situações em que seriam aferidas inflexões drásticas ou mesmo irreversíveis. A pesquisa apresentada à cúpula de líderes mundiais reúne em dados científicos uma constatação irrefutável: os padrões hegemônicos de produção e consumo levam à destruição do planeta que conhecemos.

² LENTON, T. M. et al. *The Global Tipping Points Report 2023*. University of Exeter, Exeter, UK. Disponível em: <https://global-tipping-points.org/>, acessado em 12 de fevereiro de 2024.

Trata-se de processos de desenvolvimento atrelados a perspectivas autocentradas no ser humano, intensificadas na modernidade por lógicas industriais e visões maquinicas, segundo as quais seríamos autorizados a destruir ou transformar indistintamente o meio ambiente conforme os interesses do capital. Sob pretensões de controle ou aperfeiçoamento técnico, as condições necessárias à vida na Terra são reduzidas a “recursos naturais” ou “serviços ambientais” – termos paradoxalmente recorrentes em certas matrizes ambientais –, o que leva a crer que elas permaneceriam disponíveis à extração de maneira indeterminada. Herdeira de empreendimentos de exploração e colonização, a construção de realidades socioambientais contemporâneas se vê impregnada por discursos que operam sob lógicas de poder e pela crença de que caberia isoladamente à ação humana controlar os rumos da Terra, sejam eles quais forem.

Os dados apresentados à COP28 sistematizam projeções estarrecedoras e cenários de fim de mundo ao debate político global, que desconsidera em grande medida, contudo, a experiência de apocalipses já vividos e documentados por diferentes povos³, invisibilizados na construção histórica que nos traz às realidades contemporâneas. Sem grandes inibições, são comumente varridos para debaixo desse mesmo tapete os efeitos da produção do meio urbano e do agronegócio, por salientes que sejam os rastros socioambientais deixados pelo progresso do capital neoliberal. Ainda não refletimos suficientemente sobre os resíduos de seus sistemas de produção, ainda não contemplamos suas frestas, tampouco reconhecemos os modos de existência mais que humanos (Tsing, 2021) que nelas se criam clandestinamente.

Sem desconsiderar a relevância do relatório no plano das relações internacionais, confirmamos ali um problema estrutural: entre ruínas, preocupados em inventar futuros por conta própria, ainda não aprendemos a lidar com o passado e o presente, tampouco conseguimos nos desapegar suficientemente do ideal de uma competência controladora da ação humana sobre a Terra. Em outras palavras, aposta-se ainda em ecologias autocentradas. Se a paisagem expõe a estranheza da temporaneidade humana ante a temporalidade incontida da natureza da Terra (Assunto, 2011, p. 356), cumpriria investigar em paisagens Pós-Antropoceno aspectos de uma alteridade fundamental, pela qual a vida insiste em tecer-se. O cotidiano se vê semeado de exemplos, em que pese a distração corriqueira.

Entre conferências climáticas e relatórios que apontam a urgência de medidas compensatórias, o horizonte da paisagem se vê propriamente abstraído na dimensão de acordos intergovernamentais, via de regra distantes de qualquer possibilidade de reconhecê-lo no plano afetivo e do corpo próprio (Böhme, 2010, p. 56). Se vivemos *no tempo das catástrofes*, como sinaliza a filósofa Isabelle Stengers (2015), se a Terra hoje está repleta de refugiados, humanos e não humanos (Haraway, 2016), ora sentimos falta da paisagem, sejam aquelas devassadas pelo trator hegemônico da História, sejam as que se nos apresentam sem que ainda saibamos como lidar. Seria tempo, também segundo a autora, de revolver cosmogonias e recuperar saberes escanteados, imprescindíveis à concepção de realidades habitáveis.

Bruno Latour (2014, p. 13), por sua vez, alerta para as armadilhas desse termo híbrido, no qual se veem misturadas geologia, filosofia e teologia. “O júri ainda não se decidiu sobre a persistência do conceito de Antropoceno (sua meia-vida pode ser muito mais curta do que imagino)”. Com a proposta de investigar a natureza do tempo e do espaço em que efetivamente nos encontraríamos sob a ideia de que vivemos no Antropoceno, o autor reconhece nesse conceito “um modo poderoso, se usado de maneira sensata,

³ Ver KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

de evitar o perigo da naturalização à medida que permite reconfigurar o antigo domínio do social – ou ‘humano’ – em domínio dos Terráqueos ou dos Terranos”, corroborando “a recusa decisiva da separação entre Natureza e Humanidade, que tem paralisado a ciência e a política desde a aurora do modernismo” (Idem).

O advento da ecologia na história das relações entre o ser humano e a natureza da Terra promove revisões abrangentes dos comportamentos humanos, contemplando desde gestos individuais a ações coletivas, o que deveria atravessar, nos termos de Gilles Clément (2014), todas as formas de governança. Cumpriria assumir os significados políticos da hipótese de uma “alternativa ambiente”, cunhada pelo paisagista francês de modo a posicionar a ecologia como uma postura cívica, notadamente a afirmação de um ponto de vista e de um compromisso entre a sociedade e o planeta. O autor nos lembra que são atribuídas a inovações tecnológicas as grandes mudanças de paradigma que já vivemos, como a criação da imprensa no século XV e a disseminação da indústria no Oitocentos – sem falar da internet e das redes sociais. Tais alterações na sociedade são frequentemente denominadas “revoluções”, embora seus eventos não alterem o sentimento de dominação da Natureza pelo Homem, contribuindo, ao contrário, para reforçá-los. Nas palavras de Clément (2014, p. 5),

é preciso regressar a uma etapa anterior, em que a humanidade nômade, tornando-se sedentária, cria uma ruptura com a ‘tradição’ e passa a vislumbrar uma relação com a Natureza bem diferente da caça e da coleta – testemunhos do acaso – para estabelecer com ele um diálogo fundamentado: nascimento do jardim.

Na esteira de formulações anteriores, como os conceitos de “Jardim Planetário” (1995) e “Terceira Paisagem” (2004), as reflexões de Gilles Clément a propósito da “alternativa ambiente” parecem compatíveis com uma questão central colocada pela antropóloga Anna Lowenhaupt Tsing (2015): como sobreviver em um mundo dominado pela ecologia do Antropoceno, isto é, uma ecologia que transforma organismos em meros recursos, alienando-os das complexas redes de relações multiespecíficas que estabelecem entre si? Popularizado a partir do ano 2000 por Paul Crutzen, vencedor do Prêmio Nobel de química em 1995, o conceito de Antropoceno passa a descrever em proporções geológicas o impacto da jornada humana na transformação da dinâmica ambiental do planeta, colocando outras espécies em risco de extinção, alterando sua condição geofísica e destruindo paisagens em que a relação entre natureza e cultura teria atingido proporções harmônicas de equilíbrio.

No cruzamento de diferentes entradas, advindas da Antropologia à Geografia, atravessadas por investigações no campo das artes, seu debate expõe os limites e as contaminações mútuas de categorias continentais às “Ciências da Natureza” e às “Ciências Humanas”. Explorando suas intersecções, por onde certos movimentos de regeneração sugerem mundos clandestinos, subversivos à linearidade dos tempos históricos e ao binarismo de natureza e cultura, estas reflexões se voltam a fissuras e tramas ainda pouco reconhecidas, a fim de reconhecer os fenômenos que lhes correspondem a partir da vivência corpórea.

* * *

O conteúdo a seguir apresentado resulta fundamentalmente de uma pesquisa de campo conduzida na cidade de Goiás (GO) entre os anos de 2020 e 2023. Voltada ao reconhecimento pela percepção direta de arranjos configurados por plantas de ocorrência fortuita e à compreensão de seus modos de ser, essa investigação concentrou-se especialmente na faixa de acostamento das rodovias que atravessam o perímetro de expansão urbana do município. Entre quintais, residências improvisadas

e chácaras remanescentes à beira de autoestradas, observam-se condições propícias ao desenvolvimento de espécies ditas ruderais e à diversificação de seus agrupamentos ao longo do tempo.

Esses estudos foram acompanhados de coletas botânicas, anotações de campo e da criação de um pequeno herbário, o que viabilizou a identificação de um extenso rol de plantas que escapam às vontades de controle pleno, imiscuindo-se insistentemente em frestas e bordas de áreas cultivadas. O trabalho de campo teve como intuito apreender e exercitar uma atenção à paisagem (Besse, 2018), que ora se perde na vastidão do horizonte, ora se vê imersa em detalhes mínimos das existências que se dão ao alcance das mãos. Para além da ampliação de repertórios botânicos, à disposição de projetos de paisagismo, investigamos dinâmicas quase sempre ignoradas pelas quais a vida insiste em refazer-se quando perturbada. No bojo das reflexões sobre paisagens Pós-Antropoceno, os relatos textuais e registros fotográficos que se apresentam procuram aludir à experiência de contato com plantas que germinam em terrenos desprovidos de destinação e permitem aferir, em tais situações, diferentes tramas proporcionadas pelas táticas de sobrevivência do vegetal, às quais se entrecruzam múltiplas espécies.

Por imposição de bandeirantes liderados por Bartolomeu Bueno da Silva, filho de Anhanguera, “o diabo velho”, o Arraial de Sant’Anna, foi fundado num remanso rente à lama encarnada do Rio Vermelho. Tais expedições marcam o início de um longo processo de expropriações e extermínios promovidos pelo avanço do empreendimento colonial no território da Paulistânia⁴. Promovido à condição de Villa Boa de Goyaz em 1739, o núcleo urbano se desenvolveu entre campos de mineração, pesca e roças de subsistência. Em terras outrora ocupadas por aldeias goiazes, a cidade se expande na atualidade em loteamentos e conjuntos habitacionais recentemente implantados ao longo das rodovias que a circundam. Nos contrafortes da Serra Dourada, a poucos quilômetros do Parque Estadual de mesmo nome, o centro histórico da antiga capitania é reconhecido pela UNESCO, desde 2001, como patrimônio da humanidade. Às margens dos perímetros de preservação de bens naturais, históricos e culturais, segregados em processos de produção do espaço e especulações do mercado imobiliário, pequenos bairros se formam insulados no sertão.

Falamos da porção ocidental do interflúvio dos rios Tocantins e Paraná, de onde nascem os principais rios que nutrem o continente. Acostumadas nas últimas eras a estiagens prolongadas e incêndios sazonais, as terras mais centrais do Planalto Brasileiro oferecem guarida a raízes de arbustos retorcidos, pontuados entre campos sujos por árvores isoladas, cujas cascas aprenderam a atravessar e trazer consigo as marcas do fogo e de secas inclementes, rasgando em florações o cinza quente do inverno. Na condição de fragmentos, buritizais enveredados por veios d’água⁵, matas de galeria e cerradões sobrevivem entre os limites de pastagens e campos cultivados.

4 Trata-se da região recorrentemente percorrida ao longo da expansão paulista encabeçada pelos bandeirantes desde as fronteiras da antiga Capitania de São Vicente, abrangendo áreas que atualmente pertencem aos estados de Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná e São Paulo. A obra de Antonio Candido apresenta elementos fundamentais para a compreensão da Paulistânia e dos processos de devastação que marcam a formação cultural brasileira: “Da expansão geográfica dos paulistas, nos séculos XVI, XVII e XVIII, resultou não apenas incorporação de território às terras da Coroa portuguesa na América, mas a definição de certos tipos de cultura e vida social, condicionados em grande parte por aquele grande fenômeno de mobilidade. Não cabe analisar aqui o seu sentido histórico, nem traçar o seu panorama geral. Basta assinalar que em certas porções do grande território devassado pelas bandeiras e entradas – já denominado significativamente Paulistânia – as características iniciais do vicentino se desdobraram numa variedade subcultural do tronco português, que se pode chamar de ‘cultura caipira’” (Candido, 2017, p. 43).

5 Trata-se das veredas de buriti (*Mauritia flexuosa*), em alusão ao meio de vida que se faz nesta região junto a correntes d’água.



O noticiário recente registra queimadas cada vez mais frequentes, não apenas fruto de trovoadas que faíscam contra a pedra e a areia, mas sobretudo aquelas premeditadas com o intuito de expandir os limites da produção agropecuária. As ações de planejamento urbano e regional, por sua vez, mostram-se insuficientes para refrear as especulações do mercado, respondendo muitas vezes com a anuência a processos de negação da paisagem. Retroscavadeiras e colheitadeiras hoje revolvem essas terras com indiferença. Seus procedimentos geram resíduos os mais diversos, onde outros modos de vida procuram refazer-se.

As plantas nos motivariam, por sua vez, a repensar a própria ideia de morte e de indivíduo. O botânico Stefano Mancuso comenta que muitas plantas têm a capacidade de sobreviver a condições adversas, inclusive a incêndios⁶. Encontramos exemplos disso na família das *Velloziaceae*, cujos ciclos de crescimento se ligam efetivamente às chamas, até mesmo necessárias para a geração de flores em cascas de tronco chamuscadas na estiagem do sertão (figura 1). Diversas tramas de regeneração costuradas pelo vegetal são encontradas nas mais diferentes situações e escalas, seja no Cerrado brasileiro, bioma pirofítico por excelência, seja em fissuras quaisquer onde certas sementes podem germinar.

A capacidade de resiliência do vegetal se vê diretamente imbricada no estímulo de regeneração que seus movimentos proporcionam, o que inclui o desenvolvimento de múltiplos seres. Sob o ponto de vista das taxonomias botânicas, identificam-se várias famílias nas quais certas espécies são especialmente hábeis em despontar em

⁶ Mancuso (2019, p. 97) se refere ao caso da palmeira-anã (*Chamaerops humilis*), única de origem europeia, capaz de regenerar-se após incêndios observados na Sicília. “[...] as palmeiras estão sempre lá quando o fogo se apaga; algumas levemente queimadas, outras reduzidas a carvão, outras até incineradas. Em poucos dias, com a humildade esperada de seu nome, começam a produzir novas projeções; brotos em movimento de um verde brilhante [...]. É uma demonstração gritante de resistência à adversidade, resultado da organização das diferentes plantas; uma organização sem paralelo no mundo animal, propiciada precisamente pela ausência de um centro de comando e pela distribuição de funções.”

condições ambientais severamente adversas. Trata-se de plantas de ciclos breves e amplo potencial adaptativo, capazes de manifestar em pouco tempo os efeitos de sua resiliência. Em muitos casos, essas plantas, precedem a chegada de parentes mais exigentes, coexistindo com eles, especialmente nas bordas de áreas florestadas e ambientes que tendem a interações mais estáveis. Posicionado no estágio inicial das sucessões ecológicas, esses organismos são também responsáveis pela diversificação das formas de vida na Terra, não apenas por requalificarem no solo e no ar as condições necessárias à participação de outras formas vegetais mais duradouras e ecossistemas mais complexos, mas sobretudo por atualizarem os expedientes segundo os quais as plantas insistem em fazer do planeta um lugar propriamente vivível e habitável (Coccia, 2018).

Em esboços preliminares e de forma radicalmente perspicaz, os traços mais transitórios de seu despontar revelariam aquilo que se denomina vegetação ruderal. Essa designação tem origem no latim *rueris*, que se traduz literalmente como entulho e que imediatamente alude à imagem de montes de detritos deixados ao ar livre em quintais, ruínas ou construções inacabadas, de onde surgem formações vegetais. Etimologicamente, a vegetação ruderal carrega consigo a dicotomia entre as qualidades de *rus* – que dá origem a termos como rústico, rude e rural – e *urbis*. Essa divisão binária revela vestígios de um ressentimento depreciativo associado à aparição do “mato” em assentamentos humanos, seja no campo ou nas cidades, expondo desconcertos e dificuldades de lidar com um *outro*, que se procura tolher à exaustão por resistir a civilizar-se. Os processos de formação do vegetal seguem outras lógicas e outras posturas em relação à realidade, como propõe o filósofo Emanuele Coccia. Para as plantas, segundo o autor,

criar uma forma significa atravessá-la com todo seu ser, como se atravessam idades ou etapas da própria existência. [...] Aos paradoxos da consciência que só sabe figurar formas sob a condição de distingui-las de si mesma e da realidade de que são os modelos, a planta opõe a intimidade absoluta entre sujeito, matéria e imaginação: imaginar é se tornar o que se imagina (Coccia, 2018, p. 19).

Diferentemente das comunidades clímax, que experimentam poucas alterações em seus aspectos ao longo do tempo segundo níveis estáveis de oscilação, as comunidades que se formam em espaços residuais, imiscuídos em ambientes fortemente antropizados ou frequentes em suas bordas, aprenderam a transfigurar-se avidamente. Falamos de seres errantes, que aparecem, somem e ressurgem alhures no que inventam refúgios em lugares indesejados. Suas feições passageiras se renovam entre períodos de tênue equilíbrio e eventos de distúrbio. Em arranjos florísticos variados, enredam tramas instáveis, mas que se comunicam diretamente com o porvir de ciclos cada vez mais prolongados. Os níveis máximos de biodiversidade encontrados em ambientes primários, portanto, dependeriam de seres vegetais resilientes, afeitos a condições de severa perturbação. Em outras palavras, as plantas ruderais que ali se estabelecem seriam responsáveis pelos movimentos mais imediatos de diversificação e engendramento de meios de vida, passíveis de reconhecimento e contínua aferição pela experiência do olhar.

Frente à diminuição das superfícies ocupadas por comunidades clímax, do aumento no grau e na abrangência de eventos de distúrbio e do risco de extinção de espécies ou de alteração em seus comportamentos acelerados nos últimos séculos, os terrenos residuais desempenham um papel tanto como abrigo para a diversidade, sob uma perspectiva passiva, como palco de interações originárias numa dimensão ativa daquilo que Gilles Clément (2005) caracteriza como “mescla planetária”. Nesse contexto, as interações envolveriam não apenas processos de disputa, invasão ou concorrência

destrutiva, mas também cooperações, hibridizações, mutações e até mesmo o surgimento de novas espécies. O caráter fundamentalmente indeciso da Terceira Paisagem, composta pela soma fragmentária de terrenos residuais ou baldios (*friche*), proporcionaria, então, oportunidades “à evolução do conjunto dos seres biológicos que compõem um território deixado na ausência de qualquer decisão humana” (Clément, 2005, p. 7).

Ausência e presença da ação humana são ideias ambíguas e de difícil delimitação no mundo contemporâneo. Por outro lado, as noções de evolução e diversidade investigadas por Gilles Clément e as relações multiescalares entre diferentes espécies passíveis de constatação em situações residuais ajudam a problematizar o desconforto gerado pelas questões do Antropoceno. Ainda não aprendemos a escapar da reintrodução de um universalismo que generaliza a figura humana à luz do capitalismo transnacional industrial sob uma perspectiva limitada das qualidades de vida na Terra, reduzidas a “recursos ambientais” ou “serviços da natureza”.

Abordagens exploratórias da antropologia, por sua vez, destacam a relevância da *diferença*, isto é, da alteridade irrefutável à relação entre os seres vivos e a materialidade da Terra. Suas respostas não deixam de enfrentar o desafio de compreender os efeitos das transformações atualmente observadas em escala planetária, mas colocam em debate diferentes consórcios pelos quais se arranja a existência. Uma resposta possível, recorrendo aos termos de Anna Tsing (2021), viria da compreensão de que os seres humanos se entrelaçam inevitavelmente a outros mundos, multiespecíficos, o que permitiria construir condições de existência nas ruínas de imperialismos industriais e *plantations* historicamente empobrecedores na esteira de ecologias simplificadoras.

No contexto de fissuras, a diversidade de organismos presentes em terrenos incultos não deve ser avaliada apenas pelo número de espécies capazes de prosperar em tais ambientes e criar condições para a existência de uma variedade ainda maior de plantas, fungos e animais em interações recíprocas. O aspecto mais significativo seria a complexidade dessas interações e sua efetiva participação no revigoramento de fluxos pelos quais a vida pode reinventar-se no planeta desde fissuras ainda pouco compreendidas. Reconhecer essa complexidade hoje requer um debate abrangente, envolvendo múltiplas perspectivas. É crucial investigar os vínculos pelos quais, talvez de forma inconsciente, vemo-nos conectados aos modos de existência do vegetal.

Tomemos, como exemplo, os hábitos da dormideira (*Mimosa pudica*), um arbusto comum na região central da América do Sul, conhecido por fechar suas folhas quando tocadas (figura 2). Este caso específico se baseia, novamente, nos estudos de campo conduzidos em Goiás. O registro foi realizado em um canteiro próximo a um entroncamento rodoviário, onde campos sujos se oferecem amplamente à interferência dos ventos, da fuligem, à incidência do sol e de chuvas torrenciais. Embora desprovida de músculos, a dormideira descobriu como movimentar seus folíolos – uma característica relativamente incomum entre as plantas – em resposta a estímulos súbitos, concentrando e dirigindo parte de suas energias até as últimas consequências de uma interação propriamente imersa no meio envoltório.

Insatisfeita, ela vai além: a dormideira sabe muito bem como perceber quando determinado estímulo passa a se repetir sem novidades, por exemplo, quando tocamos com os dedos suas folhas várias vezes consecutivas. Nessas situações, ela parece “acostumar-se” e cessa o movimento de seus pecíolos foliares, economizando energia para fechar-se quando provocada por motivos que lhe pareçam, de fato, relevantes. O intrigante comportamento da dormideira demonstra sua capacidade não apenas de responder imediatamente ao ambiente, mas, fundamentalmente, de *aprender* com a

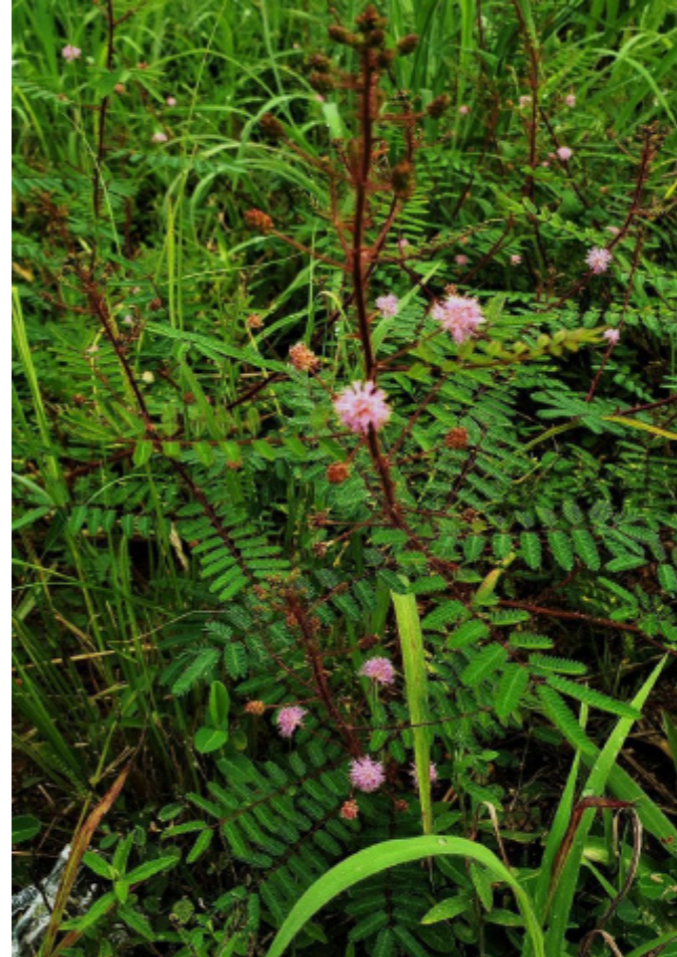


Figura 2 - Dormideira (*Mimosa pudica*) em trevo da rodovia Cora Coralina, nas imediações da cidade de Goiás. Fonte: o autor, fevereiro de 2022.

experiência⁷. Em meio ao desalento de um trevo rodoviário, enraizada contra toda sorte de poluentes e intempéries do sertão, essa planta se vê enredada a vigorosas touceiras de capins, delicados trevos e outros sobreviventes, que se deslocam pelo ar e se encontram em bordas ou frestas de assentamentos humanos de diferentes partes do país e do mundo.

Consórcios

A poucos passos do centro histórico de Goiás, nas porções externas ao perímetro de tombamento, processos recentes de expansão urbana apresentam novas contradições, assim como resíduos inconclusos. Atravessada pelas rodovias Cora Coralina (GO-070) e GO-164, que conecta o sul do estado à região do rio Araguaia, a cidade de Goiás tem sua zona de expansão contaminada por fluxos inter-regionais, provisionados por seres que se refugiam em terrenos pedregosos, onde moradias se erguem frente a vastos horizontes. Roças e chácaras remanescentes se intercalam a terrenos incultos, desdobrados ao longo dos acostamentos.

Entre loteamentos incompletos e antigas construções abandonadas, percorremos trechos lindeiros a cachoeiras e nascentes engasgadas junto a trevos de rodovias e viadutos, entre outros empreendimentos de infraestrutura mal cicatrizados. Investigamos seus poros a fim de penetrá-los. Em certos casos, aferimos atmosferas de quintais mais ou menos canhestros, despojados de muro ou cerca frente ao silêncio do sertão. A parte de cada lote que sobra nesses bairros, quando concluída a construção das primeiras casas, faceia em nudez o horizonte indeciso de campos cerrados.

⁷ Trata-se daquilo que se conhece cientificamente por “memória epigenética” e que, nos termos de Stefano Mancuso, permite reconhecer os modos pelos quais as plantas “respondem, de maneira cada vez mais apropriada, quando problemas conhecidos se repetem ao longo de sua existência. Tudo isso não poderia acontecer sem a capacidade de armazenar informações relevantes em algum lugar para superar obstáculos específicos. Isto é, sem memória, [que] nas plantas é espalhada por todo o corpo” (Mancuso, 2019, p. 13).

A liminaridade das paisagens relatadas e sua precariedade estabelecem relações de parentesco com as invenções constantes dos seres errantes que por ali transitam. Em lugares desprovidos de destinação de uso, compondo territórios fragmentários cuja capilaridade passa ao largo de estatutos de preservação, essas situações permitem aferir processos de regeneração, em sentido amplo, mobilizados por certas plantas, capazes de ressurgir em curto período de tempo sucedâneo a desmates. Embora ainda pouco consideradas, essas situações fazem condensar nos arredores de Goiás os sentidos e semblantes de campos cerrados, que se avizinham a roçados e fundos de lotes.

A vida das plantas, a seu tempo, aprendeu a inventar-se diante de infortúnios os mais diversos, irrompendo após queimadas, enxurradas ou em frestas do asfalto escaldante. Suas respostas a estímulos ou distúrbios, segundo uma apreciação grosseira, oportunizam a existência de seres interdependentes de uma mútua *contaminação*. Vivemos em ambientes cada vez mais perturbados, feitos à custa de processos de invasão, expulsão e refugiados. Certas plantas aprenderam a sobreviver e a diversificar-se no porvir de flores e frutos nutridos por solos exauridos. Suas táticas de sobrevivência são profícuas em imagens de resiliência, como aponta Renato Sztutman (2023) em análise da obra do artista Denilson Baniwa. Em linhas gerais, o autor evoca analogias entre a resiliência de povos indígenas e “poéticas de regeneração” sugeridas por mundos vegetais, que insistem em desabrochar em meio à desolação e a escombros.

Raramente paramos para observar, mas as plantas esbanjam imagens de regeneração. O mundo, que se faz um *mundo* (Merleau-Ponty, 2004) no que as plantas se fazem plantas, pressupõe enlances e relações de interdependência entre existências distintas, postas em evidência em condições de equilíbrio ou instabilidades críticas, a fim de uma convivência a ser inventada em comum acordo. Podemos aprender com o vegetal a “reconhecer que o mundo é um espaço de imersão” (Coccia, 2018, p. 47), e que não vivemos senão aqui mergulhados, em nascer contínuo. A cada instante, precisamos aprender a abrir os olhos como se fosse a primeira vez. Stefano Mancuso, por sua vez, desenvolve a ideia de que o vegetal sabe como reinventar-se quando mutilado: desprovidos de um centro nervoso, seus corpos descentralizados aprenderam a refazer-se. Cada pedaço arrancado de si pode originar uma nova planta, que “pega de novo” quando se enterra o membro amputado. Entre enxertos e mudas, a vida das plantas desconhece as fronteiras de biomas e países, assim como a ele seria estranha a ideia de individuação de um ser, posto que muitas vezes as plantas precisam ser despedaçadas para propagar-se (Marder, 2013). Suas partes despojadas rendem mundos e lançam novos esporos, quando germinadas, genuinamente expostos ao porvir.

Não se pode perpetuar como verdade imutável ou equilíbrio perene quaisquer condições impostas por poderes hegemônicos. Cosmogonias diversas deitam raízes ancestrais que nutrem saberes e mitos, muitas vezes marginalizados ou tidos como mortos. Falamos de visões de mundo sujeitas a crises internas, invasões, e até mesmo à extinção, o que não seria exclusividade da condição contemporânea perspectivada pelo Ocidente. Nas palavras de Ailton Krenak, “a gente não fez outra coisa nos últimos tempos senão despencar. Cair, cair, cair. Então por que estamos grilados agora com a queda?”. Entre precipícios e desmontes, sem perceber, vivemos em meio a seres e formas de organização diferentes dos nossos, humanos e não humanos, com os quais precisamos aprender – urgentemente. No caso de quedas cinzentas, Krenak (2020, p. 15) recomenda, “aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos. Vamos pensar no espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos” (Idem). Disso bem sabem os povos *gwaya* e outros tantos, cujos descendentes ainda hoje



Figura 3 - Arredores do Quilombo Alto Santana vistos da Igreja de Santa Bárbara. Fonte: o autor, agosto de 2022.

habitam quilombos, vielas e becos nas imediações do Rio Vermelho e dos morros que circundam a cidade de Goiás (figura 3).

Atravessaram outros fins de mundo os habitantes das serranias de onde afloram teimosamente os veios capilares do Rio Araguaia, na cercania de pedregulhos e campos agrestes, assim como os povos das várzeas estranguladas a jusante. Se percorrermos rapidamente os últimos oito mil anos, encontraremos indícios do povo karajá nos descampados do alto curso, enquanto javaés, xavantes e avá-canoeiros aprenderam a percorrer durante séculos as várzeas de rios nascidos a conta-gotas, em seu deságue em pantanais e baixios densamente florestados. Não por acaso, extensões relevantes do bioma cerrado se veem hoje preservadas em terras indígenas dos estados de Goiás e Mato Grosso, habitadas e cultivadas por diferentes etnias.

Campos de soja, cana-de-açúcar e extensas pastagens logo voltam a engolir o horizonte nos quilômetros que antecedem a chegada à cidade de Goiás. A visão que se tem pela janela do automóvel em movimento converte em meros vultos a vida cotidiana dos bairros isolados e casas solitárias de suas redondezas. Embora a velocidade seja limitada no trecho urbano, perdem-se os ritmos e os hábitos das comunidades que se formam à beira da estrada. É preciso parar e andar a pé. A atenção do corpo inteiro, a respiração e o cansaço são cruciais na tentativa de imersão a passos lentos aqui proposta. A perspectiva inicialmente adotada nesses estudos corresponde à de um observador servido apenas dos sentidos do próprio corpo, sem a mediação de qualquer aparato ou instrumento, disponível a uma experiência de envolvimento imediato nas atmosferas que se apresentam (Böhme, 2010). Trata-se de um estágio preliminar, precedente a qualquer possibilidade de identificação das plantas de acordo com classificações taxonômicas, anterior a qualquer recorte objetivo das realidades vivenciadas, no qual ganham saliência os aspectos fisionômicos gerais dos arranjos por elas configurados em resposta à mobilidade das águas, do sol, dos ventos e da terra, em consórcios nos quais comparecem múltiplos organismos. Em outros termos, nossa pesquisa parte da tentativa de imersão em paisagens latentes, ou gérmenes de paisagens frequentemente desconsideradas, conforme se apresentam diretamente aos sentidos.

Como reconhecer e distinguir entre cenários de desolação e ruínas oportunidades oferecidas a novos modos de florescer? Como fruir a paisagem para além de um saudosismo melancólico e de um embotamento paralisante frente às realidades presentes? Como enfrentar prenúncios cada vez mais recorrentes de destruição do Ser e vislumbrar, entre eles, indícios de ressurgência? Teria um fim prematuro e certamente frustrante qualquer tentativa de resposta unívoca a tais questões, cuja complexidade nos convida a estabelecer novos tipos de conexão. As crises vivenciadas hoje nos planos físico e moral de nossas relações com a Terra posicionam uma compreensão do Antropoceno como “a era da perturbação humana”, recorrendo novamente às reflexões de Anna Tsing (2019). No ensaio intitulado *Contaminação*, a antropóloga identifica o surgimento nesta era, caracterizada pela extinção em massa, daquilo que corresponderia a emergências de “diversidades contaminadas”. Em linhas gerais, as noções de contaminação e de diversidade contaminada são abordadas em referência à conjugação de modos de vida culturais e biológicos conforme evoluíram ao longo de milhares de anos em meio à disseminação de diferentes formas de participação e interferência humana.

A partir de pesquisa de campo dirigida à vida do cogumelo *matsutake* e dos indivíduos dedicados à sua coleta em florestas nos Estados Unidos, Japão, Canadá, China e Finlândia, Tsing denomina como contaminação o momento em que perspectivas multiespécies passam a se colocar como alternativa à ecologia do Antropoceno, via de regra baseada na separação dicotômica entre florestas ou ambientes preservados, onde observam-se relações de equilíbrio e simbiose, de um lado, e campos de cultivo antrópico, marcados por simplificações ecológicas, de outro. Entre cada um desses extremos, a pesquisadora se volta especialmente a lugares de “perturbação lenta”, em alusão a ecossistemas alterados pela ação humana, embora propícios à ocorrência de outras espécies e ao surgimento de novas formas de “colaborações interespecíficas. Não são intocadas pela presença dos humanos, o supremo invasor ‘daninho’. No entanto, sua biodiversidade é comparativamente elevada [...]. lenticidade é um sonho a encorajar, mais do que um traço a objetificar” (Tsing, 2019, p. 23). Com a proposta de caminhar em direção a um “planeta de perturbação lenta”, defende que,

em vez de simplesmente catalogar diversidade, precisamos narrar as histórias em que a diversidade emerge — isto é, admitir suas formas animadas e, portanto, contaminadas. Diversidade é criada em sinergias colaborativas; é sempre devir. Tanto nativos quanto migrantes podem participar na produção de áreas de perturbação lenta. Uma direção útil na qual mover a “diversidade biocultural” é abri-la à diversidade contaminada e aos regimes de perturbação lenta de pessoas em muitas circunstâncias. (Ibid, p. 24)

Por transformarem as condições de esterilidade observadas em terrenos degradados – contrários às situações de “perturbação lenta” – em meios compatíveis com a existência de organismos diversos e, ainda mais importante, por fornecerem pontes à coexistência de múltiplas espécies, as plantas de ocorrência subespontânea ditas ruderais podem ser associadas à possibilidade de reconhecimento de paisagens para além do Antropoceno. Não se trata de exaltar os aspectos por vezes canhestros de suas feições, tampouco a precariedade mal resolvida de espaços residuais, mas, ao contrário, de reconhecer na intromissão sempre fortuita dessas plantas o porvir de outros mundos. Frequente nas bordas de áreas cultivadas e em zonas de intersecção entre os mais diversos biomas, a flora ruderal atravessa silenciosamente os lugares que habitamos, insistindo em pontuá-los de arranjos efêmeros, mas resilientes a qualquer vontade de controle ou apagamento.



Figura 4 - Cercado de um quintal nas cercanias de Goiás (GO). Fonte: o autor, setembro de 2021.

Os aspectos sensíveis do dinamismo vegetal e as imagens por ele mobilizadas podem estabelecer correspondências com a apreciação pela experiência direta das plantas ruderais junto às bordas da cidade de Goiás. Não há calçadas ao longo da rodovia GO-164, vetada à circulação de pedestres. No entanto, portas e janelas se abrem diretamente ao fluxo intermitente de veículos à altura do bairro de Vila União, em contraste abrupto entre a estrada e as últimas residências da vila. Era mês de janeiro, período em que o céu ensolarado se vê diariamente interrompido por chuvas torrenciais. Entre as soleiras o asfalto, uma estreita faixa de terra oferece toda a umidade retida às sementes de trapoeraba (*Commelina erecta*), que não se furtam a germinar abundantes cordões pontuados de flores azuis. Rentes ao chão, elevam-se hastes de siratro (*Macroptilium atropurpureum*), cujas inflorescências advêm de cálices verdes, derramados em pétalas de profundo púrpura, igualmente apreciadas por abelhas e vespas.

A estreita faixa de terra se estende até o alambrado que delimita o quintal de uma residência (figura 4). Do lado de dentro, zínias (*Zinnia angustifolia*) e abóboras (*Cucurbita maxima*) cultivadas em pequenos canteiros ostentam cores vibrantes em celebração às chuvas. As interações do vegetal fazem diluir as fronteiras entre o quintal e o mundo exterior à medida que ocupam uma cerca tornada inoperante pelo toque de trepadeiras e ramos espichados. Do lado de fora, brotos de zínias e de abóboras permitem atestar sua mobilidade e o vigor com que extravasam os cercados e inauguram novas frentes em terrenos baldios. Em contrapartida, chumaços de picão-branco intrometem-se no quintal junto a cordas-de-viola, gonfrenas (*Gomphrena sp.*), singônios (*Syngonium angustatum*), entre outras plantas que o atravessam de fora para dentro.

Entre quintais cultivados e terrenos baldios, o lugar intermediário ocupado pelas plantas ruderais sugere a reflexão sobre modos de cultivo e de um fazer partilhado, a serem compreendidos no contato de cada dia com as expressões de sua alteridade. Analogamente, a antropóloga Natasha Myers (2017, p. 297) recomenda identificar o “instante que impulsiona as pessoas a se envolverem com as plantas”, considerando, de partida, “que ainda não compreendemos completamente o que é específico de uma

planta”. Contrapondo-se a uma perspectiva evolucionista, incompatível com a aceitação da convivência entre temporalidades distintas e a possibilidade de reversão de certos processos, a autora investiga a ideia de uma *involução*, o que significaria descrever aspectos de uma “captura recíproca” estabelecida em “encontros experimentais, improvisados e contínuos que tomam forma quando seres tão diferentes quanto plantas e pessoas se envolvem nas vidas uns dos outros” (Idem).

Desprovidas de destinação precisa e fronteiras nítidas, as situações apresentadas são em parte afeiçoadas pelo cuidado humano, em parte deixadas às forças das intempéries. Ao gosto das plantas, configuram-se intervalos entre casas e mundos, nos umbrais ambíguos onde se entrelaçam as vontades de cultivo e as agências do acaso. Em zonas marginais, esses espaços acolhem a existência daquilo que resiste a ser amansado ou contido, reinventando-se profusamente. Esses seres, que respondem efusivamente a gestos atentos aos seus modos de ser, são os mesmos que rapidamente ressurgem após desmatamentos ou distúrbios incisivos. Instaurando comunidades no que irrompem o solo, em parceria com insetos, fungos, pássaros e roedores, entre outros seres, seus corpos enraizados forjam lares provisórios.

Ressurgências

Onde há vida, há movimento. Nem todos os movimentos, no entanto, sinalizam vida. O movimento da vida é especificamente tornar-se, ao contrário de estar, é de renovação ao longo de um caminho ao invés de deslocamento no espaço. Cada criatura, à medida que brota e deixa rastros, se move de uma maneira diferente [...] (Ingold, 2013, p.18-19).

Nos arredores de áreas cultivadas, onde é abundante a luz do sol e o solo é periodicamente adubado, as plantas ruderais florescem conforme seus próprios ritmos. A condição de descuido observada junto às cercas dessas áreas, por sua vez, permite constatar vocações do vegetal geralmente esquecidas ou desconsideradas diante da imprevisibilidade de sua ocorrência. Nesse meio-termo entre o cultivo e o abandono, uma zona limítrofe proporciona lugares fecundos ao desenvolvimento da flora ruderal e à diversificação da vida, em suas tramas mais abrangentes. A imagem de cercas espontaneamente habitadas por trepadeiras e arbustos entre quintais e terrenos baldios sugere a relevância da observação das interações que essas plantas estabelecem – ou poderiam estabelecer – com o fazer humano.

Diante de diferentes concepções do Antropoceno, Anna Tsing (2015) denomina “ressurgência holocênica” a possibilidade de existência de “refúgios de habitabilidade”, nos quais seriam restabelecidos aspectos de uma cooperação multiespecífica. O conceito de ressurgência aparece como uma maneira de repensar certos movimentos regenerativos, que contrariam a linearidade da história, tanto natural quanto humana. Para tanto, seria crucial investigar possibilidades de reversão de certos processos considerando a concepção de convivência entre temporalidades distintas, inviabilizadas por visões evolucionistas.

No cruzamento de disciplinas e abordagens distintas, as qualidades latentes e as potencialidades da vegetação ruderal se mostram refratárias a definições segundo conceitos estanques. Por improvável que pareça, encontramos em terrenos baldios refúgios à regeneração configurados nos mais diversos arranjos e misturas proporcionados por uma inventividade resiliente do vegetal. A tentativa de imersão e reconhecimento pela fruição direta desses lugares procura, assim, alcançar o intuito de “apreender a relação entre vida e mundo” não como modo de confirmar pensamentos



Figura 5 - Fissuras e perpétuas (*Gomphrena* sp.) em calçada da Vila União, em Goiás (GO). Fonte: o autor, agosto de 2022.

previamente formulados, mas em experimentações que pressuponham, “nas plantas, [...] o ponto de vista privilegiado para compreender e descrever o mundo enquanto tal” (Coccia, 2018, p. 4).

Se as plantas são também fazedoras de mundo, as ruderais manifestam, especialmente, valores de resiliência e frescor “de um mundo em contínuo nascimento” (Ingold, 2013, p. 22). O vegetal dispensa olhos, ouvidos e pernas para colocar-se em deslocamento pela Terra. A vida das plantas se desenrola indiferente à necessidade de afugentar outros seres ou de esconder-se de predadores. Ao contrário dos seres humanos, as plantas não distinguem ou delimitam formas, tampouco criam desenhos ou recortes objetivos de qualquer fenômeno. Sua condição enraizada mobiliza outras lógicas e estabelece outros níveis de comunicação com seres distintos no que o vegetal se envolve, corpo a corpo, com o meio de que faz parte.

Seus ramos aéreos resistem ao vento, eriçados ou macios, ao passo que seus frutos e flores dele se valem para atrair o desejo e o toque de polinizadores. Nem sempre reconhecemos em suas formações a inteireza de um “rosto”, talvez ininteligível à condição humana. O reconhecimento sensível de seus semblantes, contudo, anterior à atribuição de qualquer significado, pode sugerir os sentidos da “face” na qual persistem sinais de uma indestinação. Recorremos aos termos do filósofo Jean-François Lyotard (1990, p. 186), que possivelmente reconheceria nessas paisagens

[...] um problema de MATÉRIA. A matéria é o que não é destinado naquilo que é dado. As formas domesticam-na, tornam-na consumível. [...] Sensibilidades passadas sem problema sob o controle do entendimento. É menos nítido no caso das suas congênicas inferiores, as quais sorvem, lambem e tateiam [e] dão somente direito a uma transferência de poderes materiais, para os odores, a qualidade tátil do solo, das paredes, dos vegetais. O seu pé apalpa a morbidez de urze musgosa nos bosques [...]. Provocam, no solo, um som surdo de percussão, os pneus estalam como se fossem ventosas arrancadas. Todos estados de matéria, indomesticáveis.



Proporcionando encontros fortuitos e combinações transitórias, as plantas ruderais afeiçoam conjuntos que podemos compreender não como repositórios de formas estáveis, mas como insinuações “dos confins onde as matérias se oferecem virgens, antes de serem domesticadas”. Recorrendo aos imaginários das florestas da Europa do Norte, Lyotard nelas sublinha a dimensão de um “FORIS, fora. Fora da vedação do interior, do cultivado, do formado. Este exterior, o desenraizamento fornece-o no interior [...]. Nas cidades, nos espíritos” (Idem). Se a experiência da paisagem corresponde a uma ocasião de desenraizamento do olhar trivial ante o escape de um *inumano* que nos habitaria silenciosamente desde a infância, a existência de um “fora”, a seu tempo, estranho aos esforços de civilização, recolhido em florestas, pode aparentar-se aos imaginários de campos indesejados ou baldios descampados. Entre múltiplas dimensões, temporalidades e escalas, sua imensidão, afinal, seria íntima⁸ do porvir de brotos insurgentes (figura 5).

A lua cheia clareia o sertão e as ruas da vila, desprovidas de iluminação. Apenas o som dos próprios passos interrompe a calada da noite, quando flutuam vagalumes silenciosos e assanham-se sapos cantores. Vez por outra, cigarras escondidas levantam a voz e morcegos fazem vultos em capins entouceirados. A escuridão esconde o resto.

Ao amanhecer, outros turnos da vida despertam. Entre madrugadas, velas e quintais, galos cantam o novo dia. A luz do sol começa a banhar livremente as gramíneas e as plantas rasteiras que recobrem um talude junto à rodovia Cora Coralina. Uma cerca de arame farpado delimita um terreno vago, tomado pelo avanço incontido de braquiárias (*Brachiaria sp.*) e arbustos dispersos.

⁸ Aquém das evidências dimensionais ou de qualquer métrica dos ambientes, o ínfimo passa a conter o imenso se a vida vegetal nos ensinar a tranquilidade de seus ritmos. Veremos que a aparente disparidade de tais imagens, por fim, cede lugar às raízes e aos ritmos fundamentais que têm em comum, “se sonharmos realmente a força do broto, se cada manhã formos ver no jardim ou no matagal um broto, e se medirmos aí a atividade de um dia. [Então] saberemos com certeza que uma única árvore é todo um universo” (BACHELARD, 2001, p. 229).

Sem roteiro prévio, a caminhada segue adiante por uma das ruas da Vila União que faceiam os acostamentos. Nuvens corpulentas ameaçam despencar-se sob um sol ardido, em prenúncios de tempestade. A cerca de arame farpado é interrompida pelos muros das casas que dão fundos a um enorme terreno baldio. Do quintal de uma delas, cordas-de-viola (*Ipomoea acuminata*) derramam-se encachoeiradas sobre uma porteira há tempos fechada (figura 6). O cair de seus ramos coincide com uma interrupção no cimentado da calçada, em convite ao desfrute de grupos de picão-branco (*Galinsoga parviflora*) e gonfrena (*Gomphrena globosa*), em finíssima textura. O fluir das águas no declive e as poças deixadas entre uma enxurrada e outra sugerem a um observador desprevenido o movimento de um “riacho vegetal”, germinado pelas chuvas. Como fossem meandros, seus ramos improváveis se encurvam em direção à sarjeta e nela inventam cachoeiras e remansos.

Considerações finais

Frente ao porvir de encontros fortuitos pelos quais as plantas fazem mundos, com especial atenção a mesclas e tramas multiespecíficas insinuadas em um Antropoceno mais que humano (Tsing, 2021), apresentamos nesse artigo o resultado da frequência de lugares indesejados e de andanças ao longo de acostamentos rodoviários. Alheios ao embotamento do olhar corriqueiro e aos anseios apressados de limpeza ou supressão, traços de uma potência originária do vegetal são reconhecidos em lugares que escapam às lógicas de controle, sejam amplos terrenos baldios, sejam lacunas mínimas na pavimentação. Em suas diversas formas e dimensões, desprovidos de destinação, essas situações se oferecem a frutos do acaso e são requeridos pelas plantas que se prestam a produzi-los, antecipando o convite a outros seres. Tratamos, portanto, não apenas de condições espaciais, mas também de uma temporalidade aparentemente estranha à condição humana, cuja fruição seria irrevogável à paisagem⁹.

A tentativa de imersão corpórea em interstícios e bordas de assentamentos humanos e as imagens que dela se apresentam, além disso, buscam apreender as “lições do corpo”, que assumem pela experiência direta “o valor epistêmico específico do espaço de representação” como “um atelier onde o pensamento se constrói [...] nesses espaços de registro e de (re)composição do real, em que a imagem da paisagem se produz” (Besse, 2018, p. 106). A atitude primitiva de repouso sobre a Terra, que assumimos a cada vez que adormecemos, seria cúmplice dos instantes em que os propósitos ou intenções objetivas se veem arrebatados, isto é, as ocasiões de extravio do olhar corriqueiro em que firmamos um pacto tácito com um inumano no qual assoma a paisagem (Lyotard, 1990).

Se a paisagem se configura nos limiares da consciência e pressupõe a imersão corpórea num meio codividido, cumpriria investigá-la também, para além do Antropoceno, em germinações clandestinas, que não seriam “outra coisa senão uma modelagem inédita da matéria anônima do mundo [...], se o meio não começa além da pele do ser vivo, é porque o mundo já está dentro dele” (Coccia, 2018, p. 47). Ao contemplarmos a paisagem, veríamos o mundo em sua abertura, em conjugações dos diversos organismos que o inventam, com os quais viríamos a estabelecer relações de cumplicidade e interdependência. Comumente vistos como objetos ou recursos

⁹ Em linhas gerais, conforme pensamento de Rosario Assunto (2011, p. 373), entendemos que a paisagem apresenta uma *espacialidade* própria, qual seja a de um especial envolvimento entre o Eu e os aspectos sensíveis que o rodeiam, e uma *temporalidade* própria, em que se manifesta o transcurso inestimável do tempo da natureza em seu contínuo gerar-se (e transformar-se). Trata-se de condição espacial e temporal que não pode ou não cabe ser medida nem totalmente tematizada, que diz respeito a uma abertura incessante, isto é, o porvir de desvelamentos sempre inconclusos.

passíveis de extração e manuseio, na experiência da paisagem, por outro lado, eles seriam desativados um a um, assim como os espectros da razão humana. Os relatos de campo apresentados nesse artigo procuram acenar, por fim, às condições do ser que, tornado inoperante, coloca-se em estado de paisagem em comum acordo com tramas de regeneração e outros seres que as entrecem. Nas palavras de Giorgio Agamben (2017, p. 115), “vemo-los, perfeita e limpidamente, como nunca antes; contudo, já não os vemos mais, perdidos – feliz e imemoravelmente perdidos – na paisagem”.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O uso dos corpos*. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2017.
- ASSUNTO, Rosario. A paisagem e a estética. In. SERRÃO, Adriana (Org.). *Filosofia da Paisagem*. uma antologia. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011. p. 339 - 375.
- ASSUNTO, Rosario. Paisagem – Ambiente – Território. In. SERRÃO, Adriana (Org.). *Filosofia da Paisagem*. uma antologia. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011. p. 125 - 130.
- BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. Trad. Antonio de P. Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BARTALINI, Vladimir. A paisagem vivenciada. *Oculum*, Campinas, Campinas-SP, v.4, p. 117-123, 2005.
- BESSE, Jean-Marc. *La nécessité du paysage*. Marselha: Parenthèses, 2018.
- BÖHME, Gernot. *Atmosfera, estasi, messe in scena*. L'estetica come teoria generale dela percezione. Milão: Christian Marinotti Edizioni, 2010.
- CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito: Estudos sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo: EdUSP, 2017.
- CLÉMENT, Gilles. *L'alternative ambiante*. Ed. Sens&Tonka. Paris: 2014.
- CLÉMENT, Gilles. Le Jardin comme Index Planétaire. In: ROGER, Alain (Org.). *La Théorie du Paysage en France: 1974-1994*. Seyssel: Editions Champ Vallon, 1995. p. 389-399.
- CLÉMENT, Gilles. *Manifeste du tiers paysage*. Ed. Sens&Tonka. Paris: 2004.
- CLÉMENT, Gilles. *Manifesto del Terzo paesaggio*. Macerata: Quodlibet, 2005.
- COCCIA, Emanuele. *A vida das plantas - uma metafísica da mistura*. Trad. Fernando Scheibe. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.
- GILBERTO GIL; HERBERT VIANNA. A novidade. Rio de Janeiro: EMI: 1986.
- HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. *ClimaCom Cultura Científica* - pesquisa, jornalismo e arte, Campinas, ano 3, n. 5, p. 139-146, 2016.

INGOLD, Tim. Repensando o animado, reanimando o pensamento. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 10-25, 2013.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LATOUR, Bruno. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 57, n. 1, p. 11-31, 2014.

LENTON, Tim et al. *The Global Tipping Points Report 2023*. University of Exeter, Exeter, UK. Disponível em: <https://global-tipping-points.org/>, acessado em 12 de fevereiro de 2024.

LYOTARD, Jean-François. *O inumano: considerações sobre o tempo*. Trad. Ana Cristina Seabra e Elisabete Alexandre. Lisboa: Editorial Estampa, 1990.

MANCUSO, Stefano. *Revolução das plantas: um novo modelo para o futuro*. Trad. Regina Silva. São Paulo: UBU Editora, 2019.

MARDER, Michael. *Plant Thinking. A Philosophy of vegetal life*. Nova York: Columbia University Press, 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MYERS, Natasha. From the Anthropocene to the Planthropocene: designing gardens for plant/people involution. *History and Anthropology*, v. 28, n. 3, pp. 297-301, 2017.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes – resistir à barbárie que se aproxima*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SZTUTMAN, Renato. Poéticas da regeneração. *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, edição especial Vegetalidades, p. 92-97, 2023.

TSING, Anna Lowenhaupt. O Antropoceno mais que humano. Trad. Leticia Cesarino e Thiago Mota Cardoso. *Ilha – Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 176-191, 2021.

TSING, Anna Lowenhaupt. *The mushroom at the end of the world: on the possibility of life in capitalist ruins*, Princeton, Princeton University Press, 2015.

TSING, Anna Lowenhaupt. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Edição Thiago Mota Cardoso, Rafael Victorino Devos. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.